

APRENDA A ENXERGAR COM O CEGO BARTIMEU, OU...

Por que é necessário um método para ler a Bíblia?

Cássio Murilo Dias da Silva

Turistas no texto bíblico

O título deste artigo é, propositadamente, provocativo e paradoxal. Como é possível aprender a enxergar com um cego? Na verdade, o relato da cura do cego Bartimeu, narrada em Mc 10,46-52, servirá de exemplo concreto para responder à pergunta que subtitula este artigo e que é seu principal objetivo: demonstrar a necessidade de ler a Bíblia com um bom método.

Antes, porém, de analisar o episódio da cura de Bartimeu, é preciso discutir algumas questões preliminares. Para tanto, começo com um fato que se passou comigo. Certa vez, enquanto eu estava em Roma fazendo o mestrado, recebi a visita de um conhecido. Ele só entrou em contato comigo dois dias depois de chegar à cidade. Quando finalmente nos encontramos, perguntei a ele o que já tinha visitado da assim chamada “Cidade Eterna”. Sua resposta foi categórica: “Já visitei tudo o que é importante!” Já de chofre, esta resposta assustou-me: fazia três anos que eu morava lá e ainda não tinha visitado “tudo o que era importante”. Todavia, preferi pensar que, em somente dois dias, ele tivesse percorrido as dezenas (se não centenas) de monumentos, museus, edifícios, obras de arte, etc. que eu, por conta dos estudos, ainda não tinha visto. Com muito interesse, perguntei: “Você já esteve nos Museus Vaticanos? No Coliseu? No Circo Máximo? No Castelo de Sant’Ângelo? Na Via Ápia Antiga? Em alguma das catacumbas?” Qual não foi minha surpresa: meu visitante não tinha estado em nenhum desses lugares! Não pude evitar de lhe perguntar: “Bom... então o que você considera importante?”

Com meu visitante aconteceu o que normalmente acontece com quem viaja a uma cidade sem ter guia, sem falar a língua do lugar, sem conhecer sua história nem os acontecimentos que ali se deram: ele não soube avaliar o que era (e continua sendo) importante conhecer. Pois um turista desse tipo pode até compreender que aquela praça tem certo valor histórico, deduzir que aquela estátua retrata algum personagem histórico; mas, sem dúvida, perderá várias vezes a direção e passará por muitos lugares sem dar a eles a devida atenção. Em resumo: olhará muito, mas enxergará pouco.

Caso leiamos a Bíblia de forma empírica, isto é, sem um método, algo semelhante acontece: muito da riqueza do texto bíblico passa despercebida aos nossos olhos e corremos o risco de nos contentar com o que não é importante. Ou, o que é pior, corremos o risco de pensar que o texto bíblico diz algo que ele não diz!

Meu visitante não agiu como um turista que quer aproveitar bem sua viagem e que, por isso, toma alguns cuidados mínimos, tais como procurar conhecer algo sobre a história do lugar, informar-se sobre o que merece ser visto e conhecido, pegar um

mapa, localizar onde aquelas coisas estão situadas, estudar quais os melhores trajetos entre um e outro monumento, aprender algumas palavras da língua local, tomar informações sobre a vida e a cultura do povo e, o que seria ideal, encontrar alguém dali mesmo que lhe sirva de guia, ou que possa lhe dar algumas dicas.

Pois bem, quem lê a Bíblia com um método adequado é como o turista prudente que tomou todos esses cuidados e, por isso, ele conhece os passos para percorrer o universo do texto, tem os olhos e os ouvidos atentos para perceber nuances e detalhes, consegue deleitar-se com o estilo de cada autor, pode apreender com mais largueza e profundidade a mensagem, sabe que não pode obrigar o texto a dizer o que ele não diz, sabe quais informações pode (e quais as que não pode) buscar no texto bíblico, sabe o que pode (e o que não pode) perguntar à Bíblia.

Diálogo com o texto bíblico

Não é qualquer tipo de pergunta que se pode fazer ao texto bíblico. No que concerne às narrativas históricas, por exemplo, a pergunta que nunca deve ser feita é “Foi exatamente assim que as coisas aconteceram?” Já logo podemos dizer que o texto bíblico, não obstante seu interesse pela história, não pode ser considerado um texto histórico no atual sentido da palavra. Com efeito, os autores bíblicos não se contentam em narrar fatos de modo neutro. Antes, junto com o fato transmitem também de que modo aquele fato deve ser interpretado. Dessa fusão do fato com sua interpretação nasce um relato parcial, partidário, tendencioso e, por que não dizer, “interesseiro”. Narrados do ponto de vista da fé em Deus, os relatos bíblicos não têm a finalidade de informar, mas de interpelar o leitor e levá-lo a uma resposta. Quando se alarga a leitura para os poemas e os textos didáticos, torna-se ainda mais claro que os autores bíblicos não estão primariamente interessados nas verdades científicas, e sim nas verdades de fé.

Por tudo isso, a verdadeira pergunta que deve ser feita ao texto bíblico é: “Por que você me conta isso, desse modo?”

“Por que você me conta *isso*?” Por que me conta estes fatos e não outros? Por que dá importância a certos acontecimentos e deixa de lado eventos de maior grandeza ou interesse?

“Por que me conta *desse modo*?” Por que exagera em certos detalhes e omite informações de maior grandeza objetiva? Que critérios você está usando para avaliar um acontecimento? Por que usa esta linguagem e esta forma de organizar as idéias? Em que medida o fato de ser uma poesia ou uma parábola interfere na mensagem que você quer me transmitir?

“Por que você me conta isso e desse modo?” Para responder a esta pergunta, o texto precisa de uma “mãozinha”, uma “mãozinha” que se chama método. Ter, pois, um método para ler a Bíblia significa superar a superficialidade e entabular um diálogo mais profundo com o texto. Isso, porque o método ensina a interrogar o texto e ajuda a ouvir as respostas; mas também ensina a perceber as provocações que o texto faz ao leitor e quais as respostas e reações que esse mesmo texto sugere.

A questão da nomenclatura

Quem percorre manuais e artigos sobre métodos exegéticos logo se depara com a variedade na nomenclatura: método, leitura, abordagem, análise. Uma variedade que por vezes se torna inconsistência, não só porque um autor qualifica como “método” algo que outro denomina “leitura”, mas também porque pode acontecer de, no mesmo artigo ou livro, o autor não ser rigoroso em usar de modo unívoco essa terminologia. Além disso, o próprio leitor não se coloca a questão e acaba não questionando o autor se aquele procedimento é de fato um método ou se constitui uma leitura.

Não obstante a referida falta de uniformidade no uso dos termos “método”, “leitura”, “análise” e “abordagem”, é necessário estabelecer algumas distinções. A atribuição de um desses apelativos a este ou aquele modo de ler o texto não decorre da maior ou menor seriedade no tratamento do texto, e sim à sua amplitude e à variedade de aspectos e de critérios envolvidos.

Parece não ser possível diferenciar entre “análise” e “abordagem”, embora haja quem considere uma “análise” um procedimento mais completo do que uma “abordagem”. Por “análise” compreende-se o estudo sistemático de um aspecto do texto, seguindo uma série de critérios: análise estilística, análise semântica, análise da estrutura/organização do texto. Algumas análises, porém, devido à sua complexidade e à exigência de uma avaliação crítica dos dados, acabaram assumindo o nome de “crítica”: crítica textual, crítica literária, crítica dos gêneros literários, crítica da redação.

Um conjunto articulado de análises (e críticas) constitui um “método”. Nas modernas ciências bíblicas, consagrou-se o método histórico-crítico, mas já bem antes dele, o método rabínico (targúmico/deráshico) e o método alegórico atingiram um alto grau de complexidade e articulação de critérios. Outras metodologias de trabalho, que para alguns autores (principalmente para seus fundadores e entusiastas) são qualificadas como “método”, por outros são considerados “análises” ou mesmo “leituras”. Tal é o caso, por exemplo, do “método/análise retórico/a” (nas suas diversas tendências), do método/análise estruturalista (que não deve ser confundido com a análise da estrutura literária), do método/análise narrativo/a.

Falta, enfim, definir o que seja uma “leitura”. Determinado modo de ler o texto bíblico pode receber este apelativo por várias razões: (a) por dispensar rígidos critérios e categorias de interpretação, valorizar o diálogo com o texto e, por conseguinte, ser praticado mais de modo empírico do que propriamente sistemático; (b) por aplicar ao texto bíblico critérios e procedimentos de outras ciências; (c) por preferir um horizonte hermenêutico ou um aspecto dele para interpretar o texto. No primeiro caso, colocam-se, por exemplo, a leitura popular, a leitura orante e a leitura pastoral; no segundo, a leitura socioantropológica e a leitura psicanalítica; no terceiro, a leitura feminista e a leitura libertadora.

Cumprido notar, porém, que esta tentativa de distinção e de qualificação dos vários modos de ler a Bíblia não implica um juízo de valor; antes, baseia-se na multiplicidade, no uso e na articulação dos critérios usados em cada método/análise/abordagem/leitura. O que não implica, por outro lado, afirmar que todos os métodos, análises, etc.

têm a mesma validade científica, embora se deva dizer que alguns são mais científicos que outros. Não implica igualmente e no extremo oposto deslegitimar e descartar os modos “menos científicos”. Na verdade, deve-se levar em consideração o que se pretende quando se lê a Bíblia (oração, estudo, pregação) e lançar mão do método, análise etc. adequado. E, o que é ainda mais importante, aprender a usar as respostas de um para criticar, afinar ou alargar as respostas de outro.

Respostas pré-fabricadas

Propositadamente, deixei de lado a leitura fundamentalista. O fundamentalismo surge quando um sujeito com atitude fundamentalista (isto é, a busca de valores e verdades simples, coerentes, unitárias, imutáveis, universalmente válidas e que excluam os pontos de vista discordantes) assume um objeto (coisa, instituição ou pessoa) como a fonte única e infalível dos valores e das verdades.

Falar de “fundamentalismo bíblico” não é correto, pois deixa a impressão de que o texto bíblico é fundamentalista. Seria melhor dizer “leitura fundamentalista da Bíblia”, ou seja, uma leitura na qual alguém com atitude fundamentalista assume o texto bíblico como um dado inquestionável e do qual não se pode fazer nenhuma leitura crítica.

Eis algumas facetas da leitura fundamentalista da Bíblia:

a) *A Bíblia está livre dos erros da palavra humana.* A revelação e a inspiração divinas anulam as características pessoais dos autores humanos e superam todos os obstáculos culturais, lingüísticos e científicos.

b) *O sentido do texto bíblico é claro e expresso em palavras perfeitamente adequadas.* Não é necessário interpretar o texto, pois o autor humano, ajudado pela revelação, usou palavras e conceitos que aderem perfeitamente à mensagem a ser comunicada e a transmitem sem ambigüidades nem imprecisões. Ou seja, o significado dos textos bíblicos é evidente por si mesmo e, por isso, qualquer pessoa pode ler e compreender a Bíblia, sem a necessidade de informações extratextuais.

c) *A Bíblia é a única autoridade para a doutrina e para a moral.* Só a Bíblia tem autoridade para anunciar aos homens a vontade de Deus, sem a necessidade de outro intermediário.

d) *Os textos bíblicos têm uma aplicação moral, resistente ao tempo, à história e às diferenças culturais.* Por ser a Palavra de Deus, a Bíblia não necessita de atualização: o que foi escrito há dois ou três mil anos pode ser aplicado mecanicamente às situações de hoje.

e) *O texto bíblico é um tesouro de argumentos que confirmam o credo e a doutrina de um grupo.* A revelação está não somente no todo, mas também toda e completa em cada uma das partes. Por isso, versículos pinçados, retirados de seu contexto literário, são usados para provar que determinada doutrina ou postura moral é válida.

f) *Do início ao fim, toda a Bíblia pode ser interpretada do mesmo modo.* Todos os textos têm o mesmo sentido e são uníssonos, principalmente no que se refere à vi-

vência da fé. Não importa de qual livro determinado texto é extraído: todos os textos oferecem uma única resposta e apontam para uma única experiência eclesial ou confessional, a saber, a do líder espiritual e do grupo ao qual o leitor pertence.

Com ou sem método? Exercício para auto-avaliação

Para que o leitor perceba a diferença entre ler com um método e ler sem ele, proponho uma provocação em forma de exercício. Convido o leitor a avaliar a si mesmo por meio da leitura de um texto: a cura do cego Bartimeu (Mc 10,46-52). Ei-lo:

⁴⁶E chegaram a Jericó. Quando ele já saía de Jericó com os seus discípulos e numerosa multidão, o filho de Timeu, Bartimeu, cego mendigo, estava sentado à beira do caminho. ⁴⁷Tendo ouvido que era Jesus de Nazaré, ele começou a gritar e a dizer: “Filho de Davi, Jesus, piedade de mim!” ⁴⁸Muitos o repreendiam para que se calasse, mas ele gritava mais alto ainda: “Filho de Davi, piedade de mim!” ⁴⁹Então Jesus parou e disse: “Chamai-o!” E chamaram o cego, dizendo-lhe: “Coragem! Levanta-te! Ele te chama!” ⁵⁰Então ele jogou fora o seu manto, deu um pulo e foi apresentar-se a Jesus. ⁵¹E tendo respondido a ele, Jesus disse: “Que queres que eu te faça?” O cego disse a ele: “*Rabbuni*, que eu recupere a vista!” ⁵²Então Jesus lhe disse: “Vai, tua fé te salvou”. Imediatamente ele recuperou a vista e o seguia no caminho.

Após ler o texto, o leitor tome caneta e papel e escreva sua interpretação; em outras palavras, o que enxergou no texto.

Feito? Muito bem! Agora, o leitor tente responder às seguintes questões:

- a) Quem era Marcos?
- b) Quando e para quem ele escreveu seu evangelho?
- c) Quantos milagres Jesus faz no Evangelho de Marcos? E quantos após a confissão de Pedro?
- d) Por que Marcos narra milagres?
- e) De quantos miraculados sabemos o nome?
- f) Quantos milagres Jesus faz após a cura de Bartimeu?
- g) Que cidade era Jericó? Onde se localizava? Qual sua importância histórica e política?
- h) Que quer dizer o título “Filho de Davi” e o que significa chamar Jesus com esse apelido?
- i) Que significa seguir Jesus no caminho?
- j) Que tipo de história Marcos está contando?
- k) Por meio deste relato, que reações Marcos quer provocar em seus leitores?

Essas são algumas das muitas questões que podem e devem ser feitas ao texto. Algumas delas podem ser respondidas com uma simples consulta a uma introdução ao evangelho de Marcos. Outras, porém, exigem um método de interpretação.

Viajando com método

Vamos, agora, responder àquelas questões. Na apresentação das respostas, continuarei seguindo a alegoria da viagem a uma cidade.

• *Conhecendo algo da história da cidade:*

As perguntas a e b concernem a informações gerais sobre o evangelho e ajudam a compreender quem é a comunidade de Marcos, quais as situações que vivia, para quais questões o evangelista quis oferecer uma resposta. Além disso, ajudam também a perceber quais as semelhanças/diferenças entre a comunidade de Marcos e a nossa, bem como em que medida a proposta de Marcos vale também para nós. Por serem questões genéricas cujas respostas são facilmente encontradas nos vários livros de introdução ao evangelho de Marcos, elas não serão tratadas aqui.

• *Informando-se sobre o que é importante saber:*

As perguntas c e f estão ligadas ao conjunto do Evangelho de Marcos, mais especificamente à sua redação e à teologia do autor. Elas ajudam a perceber como o segundo evangelho conta a história de Jesus, qual o objetivo geral do livro e por que Marcos inseriu este relato exatamente neste ponto da trama.

O autor do segundo evangelho, já no versículo de abertura, deixa claro quais as suas pretensões: “Início do evangelho de Jesus: Messias e Filho de Deus” (Mc 1,1). Seu livro compõe-se de duas partes: a primeira, 1,2–8,30, quer levar o leitor à mesma conclusão de Pedro, isto é, “Jesus é o Messias” (8,29); a segunda parte, 8,31–16,8, apresenta que tipo de Messias é Jesus: Filho de Deus e Servo Sofredor, conforme afirma o centurião, ao pé da cruz (15,39).

c) Quantos milagres Jesus faz no Evangelho de Marcos? E quantos após a confissão de Pedro?

O segundo evangelho narra dezenove relatos de milagres de Jesus; todavia, apenas dois acontecem após a confissão de Pedro: o epilético endemoninhado (9,14-29) e o cego Bartimeu (10,46-52).

d) Por que, então, Marcos narra milagres?

Para levar o leitor à mesma conclusão de Pedro, isto é, reconhecer que Jesus não é um simples milagreiro; antes, Jesus é o Messias. Por outro lado, os milagres não são provas de que Jesus é o Messias; antes, são atos de poder que proclamam a chegada do Reino de Deus. Por isso, os milagres querem fazer refletir, querem levar à fé e à conversão.

e) De quantos milagres sabemos o nome?

No segundo evangelho, apenas um: Bartimeu! A preservação do nome deste agraciado pode ser um indício de que ele era alguém conhecido na primitiva comunidade cristã de Marcos.

f) Quantos milagres Jesus faz após a cura de Bartimeu?

Nenhum! A cura de Bartimeu é o último milagre de Jesus, e acontece antes da entrada triunfal em Jerusalém. Depois de entrar na cidade, Jesus fará ainda um ato profético, muitas vezes considerado também um milagre: ele fará secar a figueira (11, 12-14.20-25), mas não em Jerusalém, e sim às portas de Betânia. Todavia, cumpre observar que tanto a cura de Bartimeu como o episódio da figueira terminam com um ensinamento sobre a fé: “Tua fé te salvou” (10,52), “Tende fé em Deus” (11,22-25).

• *Recebendo a ajuda de um “guia indígena local”:*

A pergunta g está ligada ao mundo em que Jesus viveu, e tem o objetivo de situar no tempo e no espaço o fato narrado.

g) Que cidade era Jericó? Onde se localizava? Qual sua importância histórica e política?

Jericó é uma das cidades mais antigas do mundo. Os traços mais remotos de ocupação remontam ao sétimo milênio antes de Cristo. No Antigo Testamento, é a primeira cidade conquistada por Josué na invasão da Terra Prometida (Js 6). A Jericó do Novo Testamento, porém, não é a mesma do Antigo Testamento: a cidade dos tempos de Jesus está a alguns quilômetros mais ao norte em relação à antiga. Jericó era a cidade preferida de Herodes o Grande, por causa do clima ameno durante o inverno. O filho de Herodes, Arquelau, fez dela um grande centro político e construiu nela grandes edifícios públicos, típicos das cidades greco-romanas. Jericó, portanto, era uma cidade rica.

No relato de Marcos, Jesus e sua comitiva atravessam a cidade e é na saída que encontram o cego Bartimeu (em Lc 18,35, esse encontro acontece na entrada). Não é necessário ver no fato de Jesus não ter se detido em Jericó uma rejeição do poder político estabelecido em Jericó, nem exacerbar a sociologia da exclusão de Bartimeu, rejeitado pela rica sociedade jericoense. Efetivamente, Jericó era passagem obrigatória de quem, como Jesus, subia do Jordão a Jerusalém e a rapidez com que Jesus entra e sai de Jericó demonstra que ele está resoluto em sua decisão de chegar ao verdadeiro centro do poder político e religioso, a Cidade Santa na qual se revelará como Filho de Deus e Servo Sofredor. O caminho de Jesus é o caminho que leva a Jerusalém e a tudo o que ela representa na trajetória de Jesus e de seu grupo de discípulos. Jericó é apenas uma etapa desse caminho.

• *Aprendendo a língua do lugar:*

As perguntas h e i concernem à semântica do texto. De fato, é necessário compreender as imagens e o vocabulário do relato, como e para que Marcos usou tais dados na composição de seu texto.

h) Que quer dizer o título “Filho de Davi” e o que significa chamar Jesus com esse apelido?

Bartimeu invoca Jesus com o título “Filho de Davi”. Nos evangelhos, poucos são os episódios em que alguém o atribui a Jesus, normalmente como introdução a um pedido de milagre de cura:

Mt 9,27	:	dois cegos
Mt 15,22	:	uma cananéia
Mt 20,30-31	:	dois cegos (paralelo a Mc 10,46-52)
Mt 21,9.15	:	a multidão, no “hosana!”
Mc 10,47-48	:	Bartimeu
Lc 18,38-39	:	um cego (paralelo a Mc 10,46-52)

A única exceção é Mt 12,23: Jesus acaba de realizar um exorcismo e a multidão não afirma, e sim se pergunta se ele não seria o Filho de Davi, fato que provoca uma forte reação dos fariseus.

O título “Filho de Davi”, portanto, deve ser interpretado messianicamente, e não como uma referência genealógica; isto é, chamar Jesus de “Filho de Davi” equivale a afirmar que Jesus cumpre as promessas messiânicas.

i) Que significa seguir Jesus no caminho?

Nos evangelhos sinóticos há provavelmente um único versículo em que *hodós* “caminho” indica direção, Mc 10,32, no qual se fala que Jesus e seus discípulos subiam a Jerusalém. Em Mc 10,52, a expressão *en tê hodô* “no caminho” não é uma simples indicação topográfica. Embora em Marcos o vocábulo *hodós* “caminho” não tenha ainda o significado que assumirá nos Atos – a mensagem cristã e, por extensão, o grupo dos que a ela aderem, isto é, a comunidade cristã (At 9,2; 19,23; 22,4; 24,14.33) – vários elementos indicam que o texto seja construído de forma simbólica e fale de uma verdadeira entrada para o discipulado: a mudança de situação de Bartimeu (v. 36, enquanto cego, “à beira do caminho”; v. 52, depois de curado, “no caminho”), a combinação “seguir” + “no caminho”, o modo pelo qual Bartimeu se dirige a Jesus (*rabbuni* “meu mestre”), a afirmação de Jesus “tua fé te salvou”. Nota-se, como pano de fundo, a mística da comunidade primitiva, na qual o batismo é o “banho da iluminação” e ser cego equivale a não ter a luz. Em outras palavras,

ser cego	=	estar nas trevas	=	não ser discípulo;
recuperar a vista	=	ser iluminado	=	tornar-se discípulo.

• Desvendando o mapa e saboreando a visita:

As perguntas j e k referem-se ao gênero literário e versam sobre a composição do relato, as artimanhas literárias e comunicativas de Marcos e, em última análise, o que o texto quer mesmo dizer.

j) Que tipo de história Marcos está contando?

Mc 10,46-52 é um típico relato de milagre, certo? Errado!

O esquema do gênero literário “relato de milagre” é o seguinte:

- a) descrição do ambiente e do encontro
- b) maiores detalhes sobre o problema e os esforços para superá-lo
- c) súplica do pedinte
- d) intervenção de Jesus
- e) efeito produzido
- f) reação dos espectadores ou do miraculado

Todavia, uma leitura atenta de Mc 10,46-52 demonstra que o episódio contém vários elementos estranhos a esse gênero literário: a passagem de Jesus, o nome do miraculado, o nome de seu pai, sua “profissão”, o despojamento, o discipulado. Estes elementos são, sim, típicos do gênero literário “relato de vocação”:

- a) quem chama passa
- b) quem chama vê
- c) o nome do vocacionado
- d) relações de parentesco
- e) vocacionado desenvolve sua atividade costumeira
- f) imperativo ou gesto vocacional
- g) objeção para o chamado
- h) resposta de quem chama
- i) Despojamento
- j) execução do apelo (seguimento)

O relato da cura de Bartimeu é, na verdade, a fusão de dois gêneros literários: o relato de vocação e o relato de milagre, conforme se pode verificar:

<i>relato de vocação</i>	Mc 10,46-52	relato de milagre
	⁴⁶E chegaram a Jericó. Quando ele já saía de Jericó com os seus discípulos e numerosa multidão,	descrição do ambiente e do encontro
<i>relações de parentesco</i>	<i>o filho de Timeu,</i>	
<i>o nome do vocacionado</i>	<i>Bartimeu,</i>	

<i>o vocacionado desenvolve sua atividade costumeira</i>	<i>cego mendigo, estava sentado à beira do caminho.</i>	
	⁴⁷ Tendo ouvido que era Jesus de Nazaré, ele começou a gritar e a dizer: “Filho de Davi, Jesus, piedade de mim!”	súplica do pedinte – 1a
	⁴⁸ Muitos o repreendiam para que se calasse,	
	mas ele gritava mais alto ainda: “Filho de Davi, piedade de mim!”	súplica do pedinte – 1b
<i>quem chama passa (e vê)</i>	⁴⁹ <i>Então Jesus parou</i>	
<i>imperativo ou gesto vocacional</i>	<i>e disse: “Chamai-o!”</i>	
	E chamaram o cego dizendo-lhe: “Coragem! Levanta-te! Ele te chama!”	
<i>despojamento</i>	⁵⁰ <i>Então ele jogou fora o seu manto,</i>	
	deu um pulo e foi apresentar-se a Jesus.	
	⁵¹ E tendo respondido a ele, Jesus disse: “Que queres que eu te faça?”	
	O cego disse a ele: “Rabbuni, que eu recupere a vista!”	súplica do pedinte – 2
	⁵² Então Jesus lhe disse: “Vai, tua fé te salvou”.	intervenção de Jesus
	Imediatamente ele recuperou a vista	efeito produzido
<i>seguimento</i>	<i>e o seguia pelo caminho.</i>	

O hibridismo da redação de Marcos se faz ainda mais evidente caso se leiam as versões de Mateus e de Lucas. Os outros dois evangelistas sinóticos despojam o episódio de todos os elementos do relato de vocação e apresentam um típico relato de milagre. Em Mt 20,24-28, os dois cegos (!) não têm nome, nós não somos informados do nome de seu(s) pai(s), não se diz que estão mendigando nem que jogam o manto. Mateus manteve apenas a observação final, de que o ex-cego seguiu a Jesus; mas, sem os demais elementos do relato de vocação, esta informação não tem sua devida força. Em Lc 18,35-43, o cego também é anônimo e não nos é dado conhecer o nome de seu genitor, o cego não joga fora o manto e, enquanto segue a Jesus, glorifica Deus, o que torna ainda mais diluída a informação sobre o seguimento.

Por outro lado, para fundir os dois tipos de relato, Marcos teve de fazer adaptações em cada um deles.

No relato de vocação:

- Não se diz explicitamente que Jesus vê Bartimeu. Isso, todavia, fica subentendido no gesto de parar e ordenar que chamem o cego que suplica.
- Não há objeção do vocacionado. Em lugar disso, Marcos introduz a repreensão dos que querem que Bartimeu se cale, o que provoca a repetição acentuada da súplica.
- Jesus chama indiretamente. Certamente, os que agora executam a ordem de Jesus não são os mesmos que antes repreenderam Bartimeu. Isso oferece o interessante contraste entre o grupo que repassa o chamado ao cego e o grupo que quer afastar Bartimeu de Jesus. Note-se a insistência no verbo “chamar” e a interjeição “coragem”, que é a versão afirmativa do imperativo negativo “não temas/temais”, típica de textos vocacionais em que o vocacionado deve superar dificuldades para cumprir sua missão (“Não temas”: Gn 15,1; 21,17; 26,24; 46,3; Nm 21,34; Jz 6,23 etc. “Coragem!” é usado em Jo 16,33 e At 23,11).

No relato de milagre:

- Os esforços pela cura são substituídos pela insistência do cego. Bartimeu não luta contra a cegueira, e sim contra os que querem afastá-lo de Jesus.
- Faltam as típicas reações do miraculado (louvor) e da multidão (espanto, admiração). Em lugar disso, o seguimento: o modo de Bartimeu agradecer é fazer-se discípulo.

k) Por meio de seu relato, que reações Marcos quer provocar em seus leitores?

Uma primeira resposta a essa pergunta pode ser composta com alguns detalhes dos dados já expostos. Jesus e sua comitiva atravessam a cidade e é na *saída* que encontram o cego Bartimeu. Na topografia de Marcos, a cura de Bartimeu está no caminho que liga Jericó a Jerusalém. Com isso, Marcos não apenas prepara a entrada triunfal de Jesus na Cidade Santa, mas também indica o que significa tornar-se discípulo: seguir Jesus no caminho, ou, talvez melhor, seguir o caminho de Jesus.

Mc 10,46-52 funde dois gêneros literários: o relato de milagre e o relato de vocação. Narra-se uma cura, mas o curado torna-se discípulo. Todavia, não é Jesus em pessoa quem chama Bartimeu: ele *ordena* que o chamem, em franca oposição aos que querem fazer o cego *calar*. Tal confronto pode ter sido algo experimentado pela comunidade marcana: Jesus continua chamando por meio da Igreja e a aceitação deste chamado leva à luz da fé. Todavia, há forças contrárias e os futuros curados/vocacionados devem perseverar na busca da luz de Jesus.

Jesus manda chamar um cego mendigo. O forte contraste com o homem rico que se oferece (Mc 10,17-31) reforça a idéia de que entrar para a comunidade dos discípu-

los e, conseqüentemente, para o Reino de Deus não é fruto do mérito pessoal, mas algo reservado aos que foram chamados, quem quer que eles sejam.

Ao despedir Bartimeu, Jesus diz: “Vai, tua fé te salvou.” Todavia, Bartimeu não só *não vai*, isto é, não se afasta de Jesus, como ainda o *segue no caminho*. Além disso, Jesus diz “*salvou*” e não “*curou*”. O grupo dos discípulos é o grupo dos que se mantêm apegados a Jesus e são destinados à salvação.

Mas a mesma pergunta acerca do escopo de Marcos ao narrar “esse milagre desse jeito” pode também ser respondida levando-se em consideração o conjunto do evangelho e o confronto entre Bartimeu e Pedro. Com efeito, a cura/vocação de Bartimeu relê às avessas a profissão de fé de Pedro e sua rejeição do caminho que Jesus decide tomar:

Mc 8,27-33	Mc 10,46-52
Pedro chama Jesus de “Messias”	Bartimeu chama Jesus de “Filho de Davi”
Jesus impõe o silêncio	Jesus não impõe o silêncio
Pedro rejeita o caminho para Jerusalém	Bartimeu aceita o caminho para Jerusalém

Na conclusão da primeira parte do Evangelho de Marcos é Pedro quem professa a fé no messianismo de Jesus (8,29) e logo em seguida Jesus o convida a participar de seu caminho para Jerusalém e para o martírio, um convite que provoca escândalo em Pedro (8,31-33). No episódio de Bartimeu, Jesus inicia a última etapa de sua subida à Cidade Santa e o cego, ainda antes de recuperar a vista, reconhece que nele se cumprem as promessas feitas a Davi (2Sm 7,8-16). Na trama de Marcos, incluídos entre essas duas profissões de fé estão os episódios do caminho de Jesus rumo a Jerusalém, rumo à paixão. As diferenças entre elas demonstram que ambos os relatos têm finalidade paradigmática: Marcos afirma que não basta acreditar que Jesus é o Messias; é necessário também tornar-se discípulo e colocar-se a caminho com ele, mesmo que este caminho leve à paixão.

O leitor, portanto, deve assumir a profissão de fé de Pedro, que é a mesma de Bartimeu; mas ao mesmo tempo deve rejeitar a reação negativa do primeiro e repetir a atitude positiva do segundo.

À guisa de conclusão

O leitor se lembra de meu visitante, aquele que dizia: “Já vi tudo o que é importante”? Pois é, depois de rodarmos toda uma tarde em Roma e visitarmos vários dos pontos realmente importantes, ele me disse: “É... preciso me preparar melhor e voltar aqui com mais calma!”

Pois o mesmo acontece com quem lê a Bíblia com um bom método: enxerga muita coisa, aproveita muito do que enxerga, mas fica com vontade de repetir a mesma viagem e também fazer outras, para outros textos, porque sabe que não enxergou tudo e que há

muito a descobrir e a aprender. Com certeza, ainda há muito a dizer sobre Bartimeu, o cego que, graças à sua insistência, foi curado e virou discípulo; com certeza, seria interessante saber quais situações concretas das comunidades de Mateus e Lucas os levaram a modificar o relato de Marcos, de modo que compuseram, para o mesmo milagre de Jesus, versões que reservam suas próprias surpresas; com certeza, não é por engano que, em Mateus, são dois cegos e não um; com certeza, não é por acaso que, em Lucas, logo depois de curar um cego à entrada de Jericó, Jesus vai se hospedar na casa de Zaqueu.

Mas isso tudo é coisa para se enxergar numa próxima viagem...

Bibliografia

AGUIRRE MONASTERIO, Rafael & RODRÍGUEZ CARMONA, Antonio. *Evangelios sinópticos y Hechos de los Apóstoles*. Estella: Verbo Divino, 1994.

BALZ, Horst & SCHNEIDER, Gerhard (eds.). *Diccionario Exegetico del Nuevo Testamento*. Salamanca: Sígueme, 1998.

BERGER, Klaus. *As formas literárias do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1998.

CABA, José. Métodos exegeticos en el estudio actual del Nuevo Testamento. *Gregorianum* 73 (1992) 611-669.

GNILKA, Joachim. *El Evangelio según San Marcos – Mc 8,27-16,20*. Salamanca: Sígueme, 1986.

GUILLEMETTE, Pierre & BIRSEBOIS, Mireille. *Introduzione ai metodi storico-critici*. Roma: Borla, 1990.

HOLLAND, Thomas A. & NETZER, Ehud. Jericho. In: FREEDMAN, David Noel (ed.). *The Anchor Bible Dictionary*. New York: Doubleday, 1992, v. 3, p. 723-740.

LANE, Willian L. *The Gospel of Mark*. Grand Rapids: Eerdmans, 1993.

LOHFINK, Gerhard. *Agora entendo a Bíblia*. São Paulo: Edições Paulinas, 1978.

PONTIFÍCIA Comissão Bíblica. *A interpretação da Bíblia na Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1994.

POPPI, Angelico. *Sinossi dei quattro vangeli – II. Introduzione e commento*. Padova: Messaggero, 1990.

SCHNELLE, Udo. *Introdução à exegese do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2004.

SILVA, Cássio Murilo Dias da. *Leia a Bíblia como literatura*. São Paulo: Loyola, 2007.

— *Metodologia de exegese bíblica*. São Paulo: Paulinas, 2003².

— CRÍTICA BÍBLICA: UM REMÉDIO CONTRA O FUNDAMENTALISMO. IN: MINCATO, Ramiro (org.). *Bíblia: ciência, fundamentalismo e exorcismo*. Porto Alegre: EST 2007, p. 39-51.

WITHERUP, Ronald D. *Fundamentalismo bíblico*. São Paulo: Ave Maria, 2004.

ZIMMERMANN, Heinrich. *Los métodos histórico-críticos en el Nuevo Testamento*. Madri: BAC, 1969.

Cássio Murilo Dias da Silva
kassiomu@yahoo.com.br